

A Violência Obstétrica em Mulheres Negras na Sala de Parto: Uma Revisão Integrativa

Isabella Lacerda Pinto¹; Ana Luiza Gouveia de Sousa¹; Clara Vieira Amorim¹; Sara Padovani Messias¹; Ana Luísa da Silva Coelho¹; Antônio Sérgio Nakao de Aguiar²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A violência obstétrica em mulheres negras caracteriza-se por práticas abusivas, desumanizadas e negligentes durante o parto, sendo uma expressão das desigualdades raciais e de gênero presentes na assistência à saúde. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar as manifestações e os impactos da violência obstétrica nas experiências de parto de mulheres negras. Para isso, conduziu-se uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados PubMed Central e Scientific Electronic Library Online, onde se selecionou artigos publicados nos últimos cinco anos em português e inglês. Ao final da busca na literatura, foram incluídos 11 artigos que abordam a temática proposta. Os estudos evidenciaram que a violência obstétrica ocorre por meio de intervenções sem consentimento, tratamento desrespeitoso e perda de autonomia da mulher durante o parto. Em relação às mulheres negras, observou-se agravamento dessas práticas devido ao racismo estrutural e institucional, manifestado pela desvalorização da dor, silenciamento, tratamento desumanizado e uso de estereótipos raciais. Além disso, os estudos apontaram repercussões físicas, emocionais e sociais, incluindo trauma, ansiedade, depressão, medo de futuras gestações e desconfiança nos serviços de saúde. Conclui-se que a violência obstétrica em mulheres negras está além de falhas assistenciais individuais, configurando-se como expressão das desigualdades raciais estruturais impostas na sociedade e presentes na assistência obstétrica, evidenciando a necessidade de práticas de cuidado mais humanizadas, equitativas e livres de discriminação.

Palavras-chave:

Violência obstétrica.
Racismo obstétrico. Parto. Saúde da mulher. Racismo. Mulheres negras

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica é compreendida como a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos femininos por profissionais de saúde, sendo expressados de forma abusiva e por relações

desumanizadas, e esse fenômeno quando atravessado pelo viés racial, é denominado racismo obstétrico, descrevendo a intersecção entre a violência de gênero e racismo estrutural e institucional no sistema de saúde^{1,2}. Essa realidade é evidenciada ao notar que a mortalidade materna no Brasil permanece como um dos indicadores mais críticos de desigualdade, onde aproximadamente 60% dos óbitos por causas obstétricas ocorrem em mulheres negras^{2,3}.

O problema agrava-se pela persistência dos mitos coloniais de que corpos negros teriam maior tolerância a dor, o que reflete no dado alarmante de que 49% das episiotomias em mulheres negras são realizadas sem o uso de anestesia local². Tais experiências de abuso acabam gerando impactos profundos na saúde mental dessas mulheres, com o estudo de Ortiz-Esquinas et al. (2025) indicando que 10,9% das mulheres que vivenciam esse tipo de violência desenvolvem Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) no período pós-parto.

A urgência deste estudo justifica-se pelo fato de que cerca de 90% dessas mortes seriam evitáveis com atendimento adequado, e pelas disparidades que se iniciam precocemente, visto que mulheres negras possuem 62% mais chances de terem um pré-natal inadequado^{1,2}. Assim sendo, o presente estudo apresenta como questão norteadora: Como as mulheres negras são afetadas pela violência obstétrica na sala de parto?

De forma a responder a essa questão norteadora, este trabalho teve por objetivo analisar as manifestações e os impactos da violência obstétrica nas experiências de parto de mulheres negras. Parata, trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados da PubMed Central (PMC) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), em que foram incluídos artigos científicos publicados no período de 6 anos.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se uma revisão integrativa da literatura, seguindo a classificação do nível de evidência e as seis etapas recomendadas: (1) seleção do tema e questão norteadora, (2) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, (3) amostragem (seleção dos artigos), (4) categorização dos artigos selecionados, (5) análise e interpretação dos dados e (6) síntese do conhecimento por meio da apresentação da revisão integrativa.

Para a elaboração da questão norteadora, foi utilizado a estratégia PICO, que é uma metodologia voltada para a pesquisa não clínica. Assim, definiu-se a seguinte questão norteadora: "Como as mulheres negras são afetadas pela violência obstétrica na sala de parto?". Os elementos da questão norteadora são P (população), mulheres negras, I (intervenção), a violência obstétrica e Co (Contexto), a sala de parto.

A pesquisa foi realizada em março de 2026, nas bases de dados científicas PubMed Central (PMC) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Os descritores utilizados, combinados aos operadores Booleanos, resultaram na seguinte linha de busca: "Black women" AND "Obstetric Violence" AND

“Delivery Room” NOT “Review”. Dessa busca foram encontrados 23 artigos que, após estabelecimento dos critérios de exclusão, foram selecionados 11 artigos primários para a análise integral.

Foram selecionados artigos primários que relacionavam a violência obstétrica em mulheres negras. Artigos em português e inglês disponibilizados na íntegra com data de publicação nos últimos cinco anos foram incluídos. Foram excluídos artigos de revisão e que não respondiam à questão norteadora (Figura 1).

RESULTADOS

Foram incluídos 11 artigos primários nesta revisão integrativa, publicados entre 2020 e 2026. Os estudos apresentaram diferentes delineamentos metodológicos, com predominância de pesquisas qualitativas que abordaram as experiências de mulheres durante o parto, além de estudos observacionais e transversais que analisaram a ocorrência e os impactos da violência obstétrica.

FLUXOGRAMA DE AMOSTRAGEM DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Violência obstétrica em mulheres negras na sala de parto- Anápolis, 2026

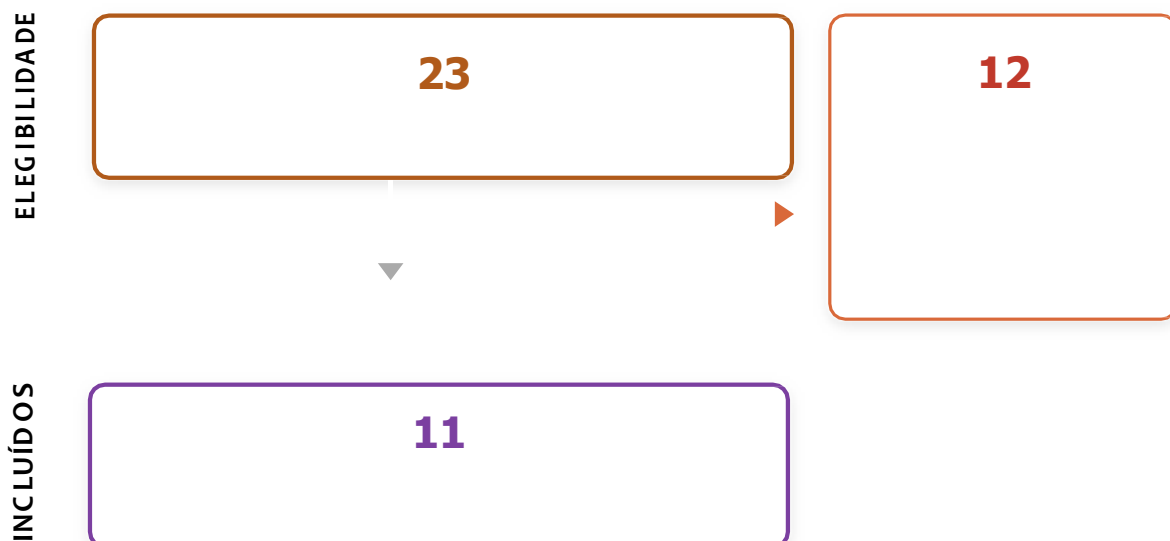
IDENTIFICAÇÃO

35

TRIAGEM

23

12



Fonte: elaboração própria. Busca realizada em março de 2026 nas bases PMC e SciELO. Descritores: "Black women" AND "Obstetric Violence" AND "Delivery Room" NOT "Review".

Os estudos foram realizados em diferentes países, com destaque para Brasil, Estados Unidos e Canadá. Estes foram organizados, conforme a Tabela 1, nas seguintes categorias temáticas: (1) manifestações da violência obstétrica, (2) repercussões para a saúde das mulheres e (3) influência do racismo e dos fatores estruturais na assistência ao parto.

Tabela 1- Caracterização e categorização dos estudos incluídos

Autor/Ano	Tipo de estudo	Objetivo	Principais resultados	Categoria temática
Boakye et al., 2023	Qualitativo	Explorar racismo obstétrico em mulheres negras	Invisibilidade, negligência, desumanização e trauma	Racismo obstétrico
Dmowska et al., 2023	Qualitativo	Investigar parto traumático e racismo	Dor ignorada, trauma e desconfiança médica	Racismo obstétrico
Koenig et al., 2024	Qualitativo	Analisar estresse em gestantes negras	Violência estrutural e impacto na saúde	Determinantes estruturais
Ortiz-Esquinas et al., 2025	Observacional	Relacionar violência e TEPT	Maior violência aumenta risco de TEPT	Repercussões psicológicas
Yalley et al., 2023	Transversal	Avaliar prevalência de violência	Alta frequência de negligência e abuso	Manifestações
Lima et al., 2021	Qualitativo	Violência obstétrica em mulheres negras	Racismo institucional e desigualdade	Racismo obstétrico
Santos et al., 2026	Coorte	Mortalidade materna em mulheres negras	Maior risco associado à desigualdade racial	Determinantes estruturais
Sousa et al., 2024	Relato de caso	Descrever violência obstétrica	Trauma físico e psicológico	Repercussões

Coelho et al., 2020	Quali-quantitativo	Analisar práticas de violência	Intervenções excessivas e perda de autonomia	Manifestações
---------------------	--------------------	--------------------------------	--	---------------

Fonte: elaboração própria.

Parte dos artigos investigou a violência obstétrica em mulheres de forma geral, enquanto outros analisaram especificamente as experiências de mulheres negras, com foco nas desigualdades raciais e no racismo obstétrico.

De forma geral, os estudos mostraram que a violência obstétrica está presente na assistência ao parto e se manifesta por meio de desrespeito, negligência, intervenções sem consentimento e perda de autonomia. No entanto, quando analisadas as experiências de mulheres negras, observou-se que essas situações são agravadas por fatores relacionados ao racismo, o que torna a assistência ainda mais desigual.

Nos estudos que abordaram mulheres de forma geral, a violência obstétrica foi descrita como um conjunto de práticas que envolvem desrespeito, abuso físico e psicológico, além de falhas na assistência durante o parto.

Entre as situações mais relatadas estão a realização de procedimentos sem consentimento, o uso excessivo de intervenções, a falta de informação, a negligência e o abandono e o tratamento desrespeitoso.

Os estudos também mostraram que a assistência ao parto ainda é muito centrada no profissional de saúde, o que reduz a autonomia da mulher. Nesse contexto, a mulher deixa de ser protagonista do parto e passa a ter pouca participação nas decisões.

Quando analisadas as mulheres negras, essas mesmas práticas também foram identificadas, porém associadas a situações específicas, como a desvalorização da dor, o silenciamento, o tratamento desumanizado e o uso de estereótipos raciais.

Os relatos mostram que mulheres negras frequentemente não são ouvidas ou têm suas queixas minimizadas, o que compromete a qualidade do cuidado.

Os estudos apontaram que a violência obstétrica pode gerar diversas consequências físicas, emocionais e sociais.

Entre as mulheres em geral, foram identificados dor e sofrimento durante o parto, trauma, ansiedade e depressão, dificuldade no vínculo com o bebê e percepção negativa da experiência de parto.

Um dos estudos mostrou associação entre violência obstétrica e maior risco de transtorno de estresse pós-traumático no período pós-parto, especialmente quando há tratamento inadequado por parte dos profissionais.

Nos estudos com mulheres negras, as repercussões foram semelhantes, porém mais intensas. Além dos impactos emocionais, destacaram-se a desconfiança nos serviços de saúde, o medo de futuras gestações, a sensação de insegurança e a percepção de discriminação.

Esses achados indicam que a violência obstétrica, quando associada ao racismo, pode gerar efeitos mais profundos e duradouros na vida das mulheres.

Os estudos que abordaram mulheres negras mostraram que a violência obstétrica não ocorre apenas por falhas individuais dos profissionais, mas está relacionada a fatores estruturais.

Foi identificado que o racismo influencia diretamente na forma como as mulheres são atendidas, na qualidade do cuidado recebido e no acesso aos serviços de saúde.

Observou-se que a relação entre profissionais de saúde e pacientes é marcada por desigualdade de poder, sendo essa desigualdade ainda maior quando envolve mulheres negras.

Os estudos também destacaram que fatores como baixa renda, menor escolaridade e vulnerabilidade social contribuem para aumentar o risco de violência obstétrica nesse grupo.

Assim, a violência obstétrica em mulheres negras não ocorre apenas como falha assistencial, mas também como expressão das desigualdades raciais presentes no sistema de saúde.

DISCUSSÃO

Os achados desta revisão integrativa revelam que o racismo obstétrico constitui um fenômeno transnacional, estrutural e multidimensional, documentado em contextos tão distintos quanto Brasil, Estados Unidos e Canadá, o que evidencia suas raízes históricas comuns no colonialismo e na escravidão. Em todos os estudos analisados, mulheres negras relataram experiências de desumanização, negligência, desconsideração de sintomas clínicos, negação de analgesia e realização de procedimentos sem consentimento — padrões que se repetem independentemente do contexto geográfico ou do nível socioeconômico das participantes. Nota-se que o racismo obstétrico não é produto de falhas individuais de profissionais, mas expressão de um sistema de dominação historicamente constituído que organiza as instituições de saúde e as relações de cuidado a partir de hierarquias de raça e gênero ¹⁵.

A violência obstétrica, por sua vez, se faz presente ao analisar a saúde materna de mulheres negras. Os estudos qualitativos incluídos nesta revisão demonstram que a violência institucional é atravessada por uma cultura medicalizada e patriarcal que silencia a voz das mulheres, invisibiliza seus direitos e as coloca em posição de subordinação (paternalismo médico) — condição que se agrava pela sobreposição da discriminação racial ⁶.

Os achados epidemiológicos revelam que mulheres negras apresentam risco de mortalidade materna 1,39 vezes maior do que mulheres brancas, independentemente do nível educacional e da região de residência. A baixa escolaridade amplifica ainda mais esses riscos, com risco de 2,14 e mortalidade por eclâmpsia 4,7 vezes maior entre mulheres negras em comparação às brancas. Isso evidencia que o racismo opera como fator que não se reduz às condições socioeconômicas, mas se articula perante às desigualdades⁷.

As consequências do racismo obstétrico e da violência no parto estendem-se muito além do evento obstétrico, produzindo danos de longo prazo que os sistemas de saúde frequentemente não

reconhecem como impactos na saúde mental das mulheres, incluindo depressão pós-parto, transtorno de estresse pós-traumático, comprometimento do vínculo mãe-bebê e desconfiança no serviço médico, gerando um afastamento dos serviços de saúde ^{4,5,8}.

A negligência, o paternalismo médico e a objetificação demonstram que o racismo obstétrico opera em múltiplas camadas do sistema de saúde, tornando insuficientes as abordagens que tratam o problema como questão de atitude individual de profissionais isolados.

CONCLUSÃO

A análise dos estudos demonstrou que a violência obstétrica em mulheres negras permanece como um problema persistente na assistência à saúde, estando associada a práticas de negligência, desrespeito, intervenções sem consentimento e perda de autonomia durante o parto. Embora a violência obstétrica também acometa mulheres brancas, os estudos evidenciaram que mulheres negras são afetadas de forma mais intensa e recorrente, recebendo um tratamento marcado pela desvalorização da dor, silenciamento e discriminação racial. Esses achados reforçam que o racismo estrutural e institucional influencia diretamente a qualidade do cuidado ofertado, contribuindo para a manutenção das desigualdades raciais na assistência obstétrica e para o agravamento das repercussões físicas, emocionais e sociais vivenciadas por essas mulheres.

Nesse contexto, a presença de práticas desumanizadas e discriminatórias na assistência ao parto apresenta-se como um importante desafio para os serviços de saúde, uma vez que compromete a segurança, o bem-estar e a confiança das mulheres negras no cuidado obstétrico. Dessa forma, torna-se essencial o desenvolvimento de estratégias que promovam uma assistência mais humanizada, ética e equitativa, além da implementação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento do racismo obstétrico e à garantia dos direitos reprodutivos femininos. Destaca-se também a importância da capacitação contínua dos profissionais de saúde, da ampliação de ações de educação em saúde e do fortalecimento de práticas assistenciais centradas na autonomia e no acolhimento das mulheres.

Assim, os achados desta revisão contribuem para a ampliação da compreensão acerca da violência obstétrica em mulheres negras como expressão das desigualdades raciais presentes no sistema de saúde, evidenciando a necessidade de intervenções multiprofissionais e medidas efetivas que promovam um cuidado obstétrico mais seguro, respeitoso e livre de discriminação.

REFERÊNCIAS

1. GUIMARÃES, Juliana Cristina Nascimento **et al.** Racismo obstétrico sofrido pelas mulheres negras na assistência pré-natal e ao parto: um estudo qualitativo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s. l.], v. 46, e20240265, 2025.

2. SANTANA, Ariane Teixeira de **et al.** Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 29, n. 9, p. 1-8, 2024.
3. SANTOS, Gustavo Gonçalves dos **et al.** Maternal Mortality Among Black Women in Brazil: a retrospective cohort study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 23, 94, 2026.
4. ORTIZ-ESQUINAS, Inmaculada **et al.** Perception of obstetric violence and risk of post-traumatic stress disorder at 6 months postpartum: an observational study. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 16, 1712911, 2025.
5. DMOWSKA, Amelia **et al.** The intersection of traumatic childbirth and obstetric racism: a qualitative study. **Birth**, [s. l.], v. 51, p. 209-217, 2024.
6. KOENIG, Mary Dawn **et al.** Structural Violence and Stress Experiences of Young Pregnant Black People. **Journal of Racial and Ethnic Health Disparities**, [s. l.], v. 11, n. 4, p. 1918-1932, 2024.
7. LIMA, Kelly Diogo de; PIMENTEL, Camila; LYRA, Tereza Maciel. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 26, supl. 3, p. 4909-4918, 2021.
8. SOUSA, Maysa Rodrigues de **et al.** Violência obstétrica: impactos físicos e psicológicos na vida das mulheres - uma narração dos relatos e sequelas. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 13, n. 4, e6813445340, 2024.
9. BOAKYE, Priscilla N. **et al.** Obstetric racism and perceived quality of maternity care in Canada: voices of Black women. **Women's Health**, [s. l.], v. 19, p. 1-13, 2023.
10. COELHO, Júlia Araujo; ANDRADE, Ana Flávia Dias de; ALMEIDA, Bruno Vasconcelos de. Violência obstétrica: a agressão silenciosa nas salas de parto. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 719-740, 2020.
11. YALLEY, Abena Asefuaba **et al.** Abuse and humiliation in the delivery room: prevalence and associated factors of obstetric violence in Ghana. **Frontiers in Public Health**, [s. l.], v. 11, 988961, 2023.